

LIMITE

Frank Schätzing

Romance

Tradução
Dora Reis



D. QUIXOTE

19 DE MAIO DE 2025

[A ILHA]

ISLA DE LAS ESTRELLAS, OCEANO PACÍFICO

A ilha era pouco mais do que um pedaço de rocha escarpada, encordoada na linha equatorial, como uma pérola num fio. Comparada com outras ilhas da região, as suas atrações eram bastante mais modestas. A oeste, irrompia do mar uma imponente costa escarpada, coroada por uma floresta tropical, que se colava às encostas escuras e impenetráveis de um vulcão, sendo povoada quase unicamente por insetos, aranhas e uma espécie de morcegos extraordinariamente feia. Nas fendas e desfiladeiros tinham-se cavado regatos, que, reunindo-se em torrentes, se derramavam com estrondo no oceano. A leste, a paisagem, em grande parte desolada, caía em terraços, entremeados de protuberâncias rochosas. Ali, podiam procurar-se em vão praias com palmeiras. A areia basáltica negra caracterizava as poucas baías, donde se alcançava o interior da ilha. Nos antepostos rochosos, junto à tormenta, havia lagartixas multicoloridas apanhando sol. O dia-a-dia das pequenas criaturas consistia em catapultarem-se um metro no alto, para apanhar insetos, escasso clímax num repertório de resto isento de pontos altos em matéria de espetáculos da natureza. No cômputo geral, não havia nada naquela ilha que não houvesse noutra lugar, mais bonito, maior e mais alto.

Já a sua posição geográfica era impecável.

De facto, situava-se exatamente no meio da Terra, na fronteira dos hemisférios norte e sul, a 550 quilómetros a oeste do Equador, e por essa mesma razão, bastante arredada de todas as rotas aéreas. Naquela região do globo não havia tempestades. Era raro verem-se grandes aglomerações de nuvens ou a palpitação de relâmpagos no céu. Durante o primeiro semestre do ano podia chover, com violência e horas a fio, sem que, contudo, o vento arrefecesse. As temperaturas raramente se encontravam abaixo dos 22 °C, e, na maior parte das vezes, eram bastante mais elevadas. Como além do mais era desabitada e economicamente improfícua, fora de bom grado que o parlamento equatorial entregara a ilha para os próximos 40 anos, em troca de uma refrescante verba para encher os cofres estatais, a novos arrendatários, que a rebatizaram – chamava-se anteriormente Isla Leona – para Isla de las Estrellas: STELLAR ISLAND, Ilha das Estrelas.

Logo depois, parte da vertente leste desaparecera sob um monte de vidro e de aço, levando a que as vozes dos protetores dos animais se erguessem enfurecidas. De todos os modos, a construção não tivera consequências ecológicas. Os barulhentos esquadrões de pássaros marinhos, indiferentes ao testemunho da presença humana, continuaram a cair a arquitetura e a rocha de dejetos. Ideais de beleza era coisa que não ocupava os animais, e as pessoas aspiravam a mais do que gaiotas de cauda bifurcada e borrelhos-de-coleira. Fosse como fosse, não eram muitos os que tinham posto pé na ilha até à data, e tudo indicava que continuaria a ser, no futuro, um lugar bastante exclusivo.

Simultaneamente, nada ocupava tanto a fantasia de toda a humanidade como aquela ilha.

Podia ser um monte de dejetos de pássaros acidentado e, porém, era considerado o mais incomum, e porventura o mais prometedor lugar do mundo. A verdadeira magia, contudo, residia num objeto situado a cerca de duas milhas marítimas de distância, uma gigantesca plataforma, assente em cinco pontales. Quem se aproximasse dela num dia de nevoeiro, não se aperceberia de imediato da sua singularidade. Avistava-se construções baixas, centrais elétricas e tanques, uma pista de aterragem para helicópteros, um terminal onde havia uma torre, antenas e radiotelescópios. A totalidade do elenco lembrava um aeroporto, exceto que não se via em lado nenhum uma pista de aterragem. Em vez disso, brotava do centro uma construção cilíndrica de dimensões imensas, um colosso lustroso, de cujo flanco meandravam feixes de tubos. Só quando se semicerrava os olhos se distinguia um fino risco negro, que brotava do cilindro, subindo a pico no céu. Se as nuvens estivessem baixas, engoliam-no a poucos metros de altitude, e uma pessoa perguntava-se instintivamente o que era aquilo que tinha diante de si, caso o céu clareasse. Mesmo quem o sabia – em princípio qualquer um que tivesse conseguido atravessar a zona de alta segurança –, esperava ver qualquer coisa, onde desembocasse o risco, um qualquer ponto fixo, no qual se pudesse pendurar a avassaladora fantasia.

Contudo, não havia nada.

Mesmo em dias de sol radiante e quando o céu adquiria tons de azul profundo, não se conseguia avistar o fim da linha. Tornava-se cada vez mais fina, até parecer desmaterializar-se na atmosfera. Usando os binóculos, perdíamos-la de vista, apenas um pouco mais acima. Ficava-se a olhar fixamente, até sermos invadidos pela dor de pescoço, ao mesmo tempo que a lendária frase de Julian Orley nos latejava no ouvido, que a Isla de las Estrellas era o rés-do-chão da eternidade – e começava-se a intuir o que queria ele dizer com isso.

Exatamente assim esforçava Carl Hanna, naquele dia, o pescoço, reclinando-se no assento do helicóptero, para pasmar como um palerma o azul do céu, enquanto abaixo de si duas baleias sulcavam o azul do Pacífico. Hanna não perdeu tempo a contemplá-las. Quando o piloto lhe chamou pela enésima vez a atenção para os raros animais, ouviu-o murmurar que não havia coisa mais desinteressante do que o mar.

O helicóptero descreveu uma curva e iniciou a ruidosa descida para a plataforma. Por instantes, o risco desapareceu diante dos olhos de Hanna, parecendo dissolver-se, reaparecendo depois com distinção no céu, direito como um cordel, como se tivesse sido desenhado com uma régua.

Seguidamente, duplicou-se.

– São dois – notou Mukesh Nair. O indiano desviou o farto cabelo preto da testa. O seu rosto escuro brilhava de alegria, as narinas do seu nariz pepinoforme inflamavam-se, como se quisesse inalar o momento.

– Claro que são dois. – A sua mulher, Sushma, apontou o índice e o dedo médio, como se tivesse alunos da primeira classe diante de si. – Duas cabines, dois fios.

– Eu sei, eu sei! – Nair fez um gesto de impaciência. A boca contorceu-se-lhe num sorriso. Fitou Hanna. – Que maravilha? Sabe qual é a largura destes fios?
– Um pouco mais de um metro, penso eu. – Hanna devolveu-lhe o sorriso.
– Por instantes desapareceram. – Nair olhou para fora, abanando a cabeça.
– Desapareceram, simplesmente.
– É verdade.
– Também viu? E tu? Bruxuleavam como um efeito de Fata Morgana. Também as...

– Sim, Mukesh. Também vi.

– Julgava que tinha sido imaginação minha.

– Não, não foi imaginação tua – disse Sushma num tom simpático, pousando-lhe uma mão em forma de remo sobre o joelho. A Hanna dava a impressão de aqueles dois tinham sido pintados por Fernando Botero. A mesma forma arredondada, as mesmas curvas, como se as extremidades tivessem sido infladas.

Olhou de novo pela janela.

O helicóptero manteve uma distância adequada dos fios, enquanto passou pela plataforma. Só pilotos autorizados da NASA ou das ORLEY ENTERPRISES podiam voar naquela rota, quando traziam convidados à Isla de las Estrellas. Hanna tentou vislumbrar o interior do cilindro, onde os fios desapareciam, mas a distância era demasiado grande. Logo depois deixaram a plataforma atrás de si e viraram em direção à ilha. Em baixo, a sombra da máquina esvoaçava acima das ondas argenticerúleas.

– Estes fios devem ser muito finos, se não os conseguimos ver de lado – observou Nair. – Ou seja, chatos. Quer dizer, planos. Serão mesmo fios? – Riu-se e esfregou as mãos. – Se calhar são bandas, não? Ou nenhuma das duas coisas. Meu Deus, que hei de eu dizer? Cresci no campo. Num campo!

Hanna assentiu com a cabeça. Os dois tinham começado a conversar durante o voo que os trouxera de Quioto até ali, mas sabia assim também que Mukesh Nair mantinha com os campos uma relação profunda. Era um modesto filho de um camponês de Hoshiarpur em Punjab, que gostava de comer bem; contudo, preferia um quiosque de rua a qualquer restaurante de três estrelas; dava mais valor às causas e opiniões de pessoas simples do que à conversa fiada em recepções e *vernissages*, preferia voar em classe económica e gostava tanto de roupa cara como o urso-negro-asiático de uma gravata. Ao mesmo tempo, Mukesh Nair, cuja fortuna pessoal era avaliada em 46 mil milhões de dólares, era um dos dez homens mais ricos do mundo e possuía um espírito que era tudo menos camponês. Estudara Agricultura em Ludhiana e economia política na Universidade de Bombaim, tinha recebido a Padma Vibhushan (Lótus Decorado), a segunda mais alta ordem honorífica civil, e era um incontestável líder de mercado, no que respeitava o fornecimento mundial de fruta e legumes indianos. Hanna conhecia em detalhe a vida do *Mister TOMATO*, como Nair era conhecido em toda a parte, e tinha também estudado os currículos de todos os outros convidados que tinham vindo para o encontro.

– Agora, olhe ali, olhe para aquilo ali! – gritou Nair. – Também não é mau, hã?

Hanna esticou a cabeça. O helicóptero voava em direção à vertente leste da ilha, permitindo-lhes gozar de uma vista magnífica sobre o STELLAR ISLAND HOTEL. O edifício, que repousava nas encostas como um navio a vapor encailhado, possuía sete andares sobrepostos, recuados em vários níveis, e uma vista panorâmica sobre uma proa comprida com uma imensa piscina. Todos os quartos dispunham de um *deck* privado. O ponto mais alto do edifício formava um terraço circular, metade coberto por uma imensa esfera de vidro. Hanna divisou mesas, cadeiras, espreguiçadeiras, aparadores, um bar. Na parte central havia uma zona plana, aparentemente o *lobby*, delimitado a norte por uma construção quadrada, o heliporto. A arquitetura era intercalada por rochas escarpadas, como se, na tentativa de ancorar o navio de cruzeiro ao largo da ilha, o tivessem metido várias centenas de metros terra adentro devido a um erro de cálculo. Hanna calculou que algumas partes da montanha tinham sido dinamitadas de forma a anichar o complexo hoteleiro. Um trilho, entrecortado por escadas, serpenteava para o alto, atravessando uma meseta arrelvada, cuja configuração transmitia uma excessiva harmonia, para puder ter uma origem natural, continuando a descer até desembocar num caminho que seguia ao longo da costa.

– Um campo de golfe – murmurou Nair, empolgado. – Fantástico.

– Desculpe, julgava que preferia coisas simples. – E quando o indiano o mirou com ar de espanto, Hanna acrescentou: – Isto, segundo o que você próprio disse. Restaurantes simples. Pessoas simples. Classe turística.

– Está a confundir as coisas.

– A acreditar nos meios de comunicação, o senhor é bastante poupado, para uma figura pública.

– Que ideia a sua! Eu faço os possíveis para me manter afastado do que se chama a vida pública. Pode contar-se pelos dedos de uma mão o número de entrevistas que dei nos últimos anos. Fico muito satisfeito que a TOMATO tenha boa publicidade, desde que não me obriguem a encarar câmaras e microfones. – Nair enrugou a testa. – De resto tem razão, o luxo é a última coisa de que preciso para viver. Eu nasci numa aldeia pequena. Não interessa nada o dinheiro que uma pessoa tem. Cá dentro ainda vivo nessa aldeia; simplesmente, ela cresceu um bocadinho.

– Mais umas porções da Terra em ambos os lados do oceano Índico – brincou Hanna. – Compreendo.

– E então? – Nair esboçou um sorriso. – Como lhe disse, está a confundir as coisas.

– O que é que eu estou a confundir?

– Ouça, é muito simples. Aquela plataforma que acabámos de sobrevoar; uma coisa daquelas mexe-me com o coração. Provavelmente, o destino de toda a humanidade está pendurado nestes fios. Já este hotel fascina-me da mesma maneira como me fascina, por exemplo, o teatro. É divertido, e é por isso que vou lá de vez em quando. Só que a maior parte das pessoas, assim que ganha dinheiro, começa a pensar que o teatro é a vida real. Por eles passavam a viver no palco, envergavam todos os dias um traje novo, representando um papel. Ocorre-me agora, por acaso conhece aquela anedota do psicólogo que quer apanhar um leão?

– Não.
– Bom, como é que um psicólogo apanha um leão?
– Não faço ideia.
– É muito simples. Dirige-se à pradaria, monta uma gaiola, senta-se lá dentro e decide que lá dentro é lá fora.

Hanna riu-se. Nair riu-se a bandeiras despregadas.

– Está a ver, uma coisa dessas não tem a ver comigo, não me agrada. Não quero estar sentado numa gaiola, nem viver num palco. Mesmo assim, vou desfrutar das próximas duas semanas, pode apostar. Antes de começar amanhã, vou jogar uma partida de golfe ali em baixo, e vou adorar! Contudo, passados estes catorze dias, volto para casa, onde uma pessoa se ri de uma piada, porque foi uma boa piada, e não porque foi um rico quem a contou. Vou comer, porque a comida me sabe bem, e não porque é cara. Vou conversar com pessoas porque gosto delas e não porque são célebres. Muitas dessas pessoas não têm dinheiro para frequentar os restaurantes onde eu vou, por isso vou aos delas.

– Já percebi – disse Hanna.

Naib esfregou o nariz.

– Não querendo correr o risco de o deprimir... sobre si, na verdade, nada sei.

– Porque passaste a viagem inteira a falar de ti – comentou Sushma, num tom de censura.

– Ai sim? Queira desculpar a minha necessidade de falar sobre mim.

– Ora essa. – Hanna fez-lhe sinal com a mão de que não tinha importância. – Não há muito que dizer sobre mim. O meu trabalho é bastante pacato.

– Investimentos?

– Exato.

– Interessante. – Nair fechou os lábios. – Em que áreas?

– Energia, principalmente. E um pouco de tudo. – Hanna hesitou. – Provavelmente ficará interessado em saber que nasci em Nova Deli.

O helicóptero desceu em direção ao heliporto. A pista de aterragem tinha lugar para mais três máquinas daquele tamanho e estava assinalada com um símbolo fluorescente, um O prateado, em torno do qual orbitava uma lua alaranjada estilizada: o logótipo da ORLEY ENTERPRISES. Hanna reconheceu junto ao heliporto algumas pessoas de uniforme que recebiam os viajantes, ajudando-os com as malas. Uma mulher magra, envergando um fato de calças de cor clara distanciou-se do grupo. O vento das pás do rotor repuxou-lhe as roupas; o seu cabelo brilhava ao sol.

– Você é de Nova Deli? – Sushma Nair, nitidamente excitada pela inesperada revelação de Hanna, aproximou-se no assento. – Quanto tempo viveu lá?

O helicóptero pousou suavemente. A porta oscilou para o lado; desdobrou-se uma pequena escada.

– Logo falamos disso quando nos encontrarmos na piscina – retorquiu Hanna, deixando que os dois seguissem à sua frente, ao mesmo tempo que os seguia sem grandes pressas. O sorriso de Nair tornou-se mais esmaltado. Aproximou-se das pessoas que os aguardavam, da zona e da vida, com um sorriso radiante, encheu as narinas com o ar da ilha e disse «Ah!» e «Espantoso!». Mal avistou a mulher do fato

de calças, começou a elogiar o complexo a alto e bom som. Sushma acrescentou comentários apáticos de satisfação. A mulher magra agradeceu-lhes. Nair continuou a falar, sem pausa. Quão magnífico era tudo aquilo. Quão bem conseguido. Hanna exercitou a paciência, enquanto deixava a sua aparição produzir efeito sobre si. Trinta e picos, o cabelo louro platina preso ao alto da cabeça, um ar cuidado e, ao mesmo tempo, daquele tipo de graça natural, que não se dá conta dela, se pudesse conceder a sua armadilha venérea em qualquer anúncio para uma instituição de crédito ou uma linha de cosméticos. Na realidade, era ela quem chefiava a ORLEY TRAVEL, um ramo turístico da Orley, o que fazia dela a segunda pessoa mais importante no grande império económico do mundo.

– Carl... – Sorriu e estendeu-lhe a mão. Hanna olhou-lhe nos olhos azuis cor de mar, de uma intensidade irreal, cercados pela íris escura. Tinha os olhos do pai. – Muito me apraz tê-lo como nosso convidado!

– Obrigado pelo convite. – Retribuiu o aperto de mão, baixando o tom de voz. – Sabe, eu tinha preparado uns quantos comentários simpáticos sobre o hotel, mas temo que o meu predecessor tenha disparado a minha pólvora toda com a sua própria espingarda.

– Aha! Ah! – Nair deu-lhe uma palmadinha no ombro. – Tenho muita pena, meu amigo, mas nós temos Bollywood! Com o seu charme de madeira de cedro canadiana não tem hipótese contra tanta poesia e patos.

– Não faça caso do que ele diz – disse Lynn, sem desviar o olhar. – Sou bastante recetiva ao charme canadiano. Mesmo às variantes sem palavras.

– Nesse caso, não me vou deixar desanimar – prometeu Hanna.

– Ficaria ofendida se assim não fosse.

À volta deles encontravam-se génios subservientes ocupados a descarregar pilhas de bagagem com um ar gasto. Hanna calculou que pertenceriam a Nair. Coisas produzidas com solidez, que se encontravam em uso desde tempos pentateucos. Ele próprio tinha trazido apenas uma pequena mala e um saco de viagem.

– Venha – disse-lhe Lynn, num tom afável. – Vou mostrar-lhe os quartos.

Tim avistou da terraço a irmã, acompanhada de um casal de aspeto indiano e um homem com um porte atlético, sair do heliporto e dirigir-se para o edifício da receção. Ele e Amber ocupavam um quarto de esquina no quinto andar, de onde tinham uma excelente vista panorâmica. A alguma distância, a plataforma, onde na manhã seguinte iriam traduzir, brilhava ao sol. Um outro helicóptero aproximava-se da ilha, fazendo-se anunciar pelo ronco grave dos rotores.

Deitou a cabeça para trás.

Estava um dia de uma invulgar claridade.

O céu estirava-se acima do mar como uma cúpula azul-safira. Uma só nuvem esfarrapada flutuava no céu, como que para servir de ornamento ou guia de orientação. Tim lembrou-se daquele velho filme, que vira anos antes, uma comédia trágica, no qual um homem crescia numa pequena cidade, sem nunca a deixar. Tinha ido lá à escola, casara, arranjava um emprego, encontrava-se com amigos, que conhecia desde miúdo – e depois, chegado aos trinta anos, fez a descoberta de que era uma estrela involuntária num programa televisivo, e a cidade inteira não passava de uma colossal falsificação, cheia de câmaras, paredes falsas e holofotes.

Todos os habitantes, exceto ele, eram atores com contratos vitalícios, naturalmente, e, conseqüentemente, o céu revelou ser uma imensa cúpula, pintada de azul.

Tim Orley semicerrou os olhos e apontou com o índice para o alto, de maneira a parecer que a ponta tocava a extremidade inferior da nuvem. Balançava em cima deste como um rolo de algodão.

– Queres beber alguma coisa? – perguntou Amber do interior.

Ele não respondeu, mas rodeou o pulso com a mão esquerda, tentando firmar o dedo o mais possível. Primeiro, não aconteceu nada. Depois, com uma interminável lentidão, a minúscula nuvem deslocou-se para leste.

– O bar está cheio até cima. Vou beber um *Bitter Lemon*. Tu o que queres?

A nuvem mexeu-se. Ia prosseguir no céu. Por razões obscuras, o facto de aquela nuvem não estar pendurada com um prego ou pintada no céu fez com que Tim se acalmasse.

– O quê? – perguntou ele.

– Estava a perguntar o que é que queres beber.

– Sim.

– Sim o quê?

– Sei lá.

– Deus do céu. Vou ver se têm.

Voltou a concentrar-se em Lynn. Amber veio ao terraço e balançou de modo sedutor uma lata de coca-cola entre o polegar e o indicador. Tim recebeu-a mecanicamente, levou-a aos lábios e bebeu, sem registar o que estava a engolir. A sua mulher observava-o. Depois, baixou o olhar para baixo, onde a irmã de Tim e o pequeno séquito que a acompanhava acabava de desaparecer na receção.

– Então era isso – concluiu.

Ele nada disse.

– Ainda estás preocupado?

– Já me conheces.

– Para quê? Lynn é bonita. – Amber encostou-se ao parapeito, sorvendo ruidosamente a limonada. – Muito bonita até, na minha opinião.

– E é precisamente isso que me preocupa.

– Que ela seja bonita?

– Sabes perfeitamente o que quero dizer. Continua a tentar ser mais perfeita do que a própria perfeição.

– Oh, Tim...

– Viste como é que ela se comportou há bocado, não viste?

– O que eu vi é que ela tem isto tudo sob controlo.

– Que tem tudo sob controlo?!

– Muito bem, na tua opinião, o que é que ela devia fazer? Julian convidou uma data de excêntricos milionários, aos quais ela tem de dar atenção. Prometeu-lhes duas semanas nos hotéis mais exclusivos de sempre, e Lynn, afinal, é a responsável. Queres que ela faça o quê? Que negligencie o trabalho, que ande por aí carrancuda e mal vestida? Que despreze os convidados porque é um ser humano?

– Claro que não.

– Isto aqui é um circo, Tim! E ela é a diretora. Tem de ser perfeita, caso contrário é devorada pelos leões.

– Eu sei disso – replicou Tim com impaciência. – Não é disso que estou a falar. Noto outra vez aquela agitação nela.

– A mim não me pareceu especialmente agitada.

– Porque ela te engana. Ela engana toda a gente. Sabes perfeitamente quão bem funciona o seu ministério do exterior.

– Desculpa, mas não estarás a dramatizar um bocado as coisas?

– Não estou a dramatizar nada. A sério que não. Ainda estou para ver se foi uma ideia brilhante participar neste absurdo todo, mas pronto, não há nada a fazer. Tu e o Julian...

– Eh – Nos olhos de Amber surgiu um brilho de aviso. – Não digas outra vez que fomos nós que te convencemos.

– Então foi o quê?

– Ninguém te convenceu.

– Pelo amor de Deus! Vocês foram de uma insistência insuportável.

– E então? Que idade é que tens? Cinco? Se não quisesse mesmo...

– E não queria. Só vim por causa de Lynn. – Tim suspirou e passou a mão pelos olhos. – Está bem, está bem! Ela é lindíssima! Apesar de tudo, parece estável.

– Tim, ela *construiu* este hotel!

– Claro. – Assentiu com a cabeça. – Eu sei. E é um hotel fantástico! A sério.

– Eu levo-te a sério. Só não quero que empurres para cima de Lynn porque não consegues fazer as coisas com o teu pai.

Tim sentiu a amargura da ofensa. Virou-se para ela e abanou a cabeça.

– Isso é injusto – disse, baixinho.

Amber virou a garrafa de limonada entre os dedos. Durante algum tempo, reinou o silêncio. Depois, ela pôs-lhe os braços à volta do pescoço e deu-lhe um beijo.

– Desculpa.

– Não faz mal.

– Já falaste com Julian sobre isso?

– Sim, e adivinha o que ele disse. Insistiu que ela está muito bem. Tu dizes que ela parece estar cheia de vida. Portanto, o idiota sou eu.

– Claro que és. O idiota mais querido e chato que eu conheço.

Tim fez um sorriso torcido. Puxou Amber para si; o seu olhar, porém, estava apontado sobre o parapeito. O helicóptero, que tinha trazido o atleta e o casal indiano até ali, arrancou com um zunido em direção ao mar aberto. Em compensação, a próxima máquina sobrevoava o heliporto, preparando-se para aterrar. Os olhos de Tim vaguearam pelo terreno íngreme entre o hotel e as falésias, o campo de golfe vazio, seguindo o caminho a descer até ao trilho junto à costa. Algumas falhas e ravinas tinham obrigado à construção de diversas pequenas pontes, de maneira que agora se podia explorar facilmente toda a região leste da Isla de las Estrellas. Viu alguém a vaguear pelo trilho. Da direção contrária surgiu uma figura delgada a correr, cujo corpo brilhava alvo ao sol.

Alvo como marfim.

Finn O'Keefe viu-a e deteve-se. A mulher corria a um ritmo atlético. Era uma aparição algo bizarra, com membros magros, quase na fronteira da anorexia, e, porém, com uma boa figura. A sua pele era branca como a neve, tal como os cabelos compridos, a voar ao vento. Trazia um fato de banho madrepérola cavado e uns ténis da mesma cor, e mexia-se com a agilidade de uma gazela. Era alguém que pertencia às capas das revistas.

– Olá – disse ele.

A mulher interrompeu a corrida, aproximando-se com passos ligeiros.

– Oi! E tu quem és?

– Finn.

– Ah, sim. Finn O'Keefe. Na tela pareces diferente.

– Por alguma razão, pareço sempre diferente.

Estendeu-lhe a mão. Os seus dedos, compridos e afilados, apertaram-na com uma rapidez inesperada. Agora que ela estava muito próxima, notou que as suas sobrancelhas e pestanas possuíam a mesma cor branca cintilante do cabelo, ao passo que a íris adquiria tons de violeta. Sob o nariz fino e direito sobressaía uma boca de contornos sensuais, com uns lábios quase descolorados. Para Finn O'Keefe, ela parecia um extraterrestre atraente, cuja pele lisa, aqui e ali, começava a enrugar. Calculou que teria pouco mais de quarenta anos.

– E quem é você?... Quem és tu?

– Heidrun – respondeu ela. – Também pertences ao grupo de viajantes?

Falava um inglês que parecia uma caixa de mudanças a arranhar. Tentou classificar o seu sotaque. O inglês dos Alemães geralmente era uma espécie de serra dentada, ao passo que o dos Escandinavos era suave e melódico. Heidrun, concluiu, não era nem alemã, nem dinamarquesa, nem sueca.

– Sim – disse ele. – Faço parte do grupo.

– E então? Medo?

Ele riu-se. Já ela, não parecia minimamente impressionada por tê-lo encontrado ali. Na verdade, fugia tenazmente da importuna admiração de inúmeras mulheres, que preferiam ver os maridos no jardim ou numa viagem de negócios para puderem tê-lo a ele na cama, já para não falar dos homens que o amavam.

– Para ser sincero, sim. Um pouco.

– Não faz mal. Eu também.

Desviou o cabelo molhado de suor da testa e deu meia volta; depois, estendeu o polegar e o indicador de ambas as mãos num ângulo à direita, juntando as pontas, e observou a plataforma no mar através dessa moldura.

– Só conseguimos ver o fio preto quando se olha com muita atenção.

– E o que é que ele quer de ti? – perguntou ela inesperadamente.

– Quem?

– Julian Orley. – Heidrun baixou as mãos e dirigiu para ele o seu olhar violeta.

– Ele não quer nada de nós.

– Ah sim? Não digas isso. Se não quisesse não estaríamos aqui, não te parece?

– Hum.

– És rico?

– Mais ou menos.

– Que pergunta tão tola. Claro que deves ser rico! És o rei dos cachés, certo? Se não esbanjaste tudo, deves valer algumas centenas de milhões de dólares. – Bandeou a cabeça, com um ar curioso. – E então? Vales ou não?

– E tu?

– Eu? – Heidrun riu-se. – Esquece. Eu sou fotógrafa. As minhas posses não dariam sequer para ele mandar pintar a plataforma. Digamos que me aceita. Está mais interessado em Walo.

– E esse quem é?

– Walo? – Apontou para o hotel acima. – O meu marido. Walo Ögi.

– O nome não me diz nada.

– Não me admira. Os artistas são incapazes de pensar em dinheiro, e a principal ocupação dele é essa. – Riu-se. – Contudo, tem uma série de boas ideias de como gastá-lo outra vez. Vais gostar dele. Sabes quem é que também está cá?

– Quem?

– Evelyn Chambers. – O sorriso de Heidrun tinha um ar malicioso. – Quer parecer-me que essa vai dar-te que fazer. Aqui ainda podes fugir dela, mas lá em cima...

– Não tenho qualquer problema em falar com ela.

– Queres apostar como tens?

Heidrun voltou-lhe costas e começou a subir o caminho em direção ao hotel. O'Keefe seguiu-a. Era, de facto, verdade que tinha um problema de dimensões sáuricas em falar com Evelyn Chambers, a *talklady* número um dos Estados Unidos. Não havia coisa que desprezasse tanto no mundo como *talkshows*. Chambers já o tinha convidado pelo menos uma dúzia de vezes, ou mais, para aquele *striptease* de alma com quotas tremendas, que reunia milhões de americanos socialmente privados todas as sextas-feiras à noite diante dos ecrãs da televisão. Recusara sempre. Ali, porém, sem grades a separá-los, ele era um bife de lombo e ela o leão.

Terrível!

Atravessaram o campo de golfe.

– Tu és albina – disse ele.

– Que esperto o Finn!

– Não tens medo de arder? Por causa do... como é que se chama...

– Do elevado défice de melanina e dos olhos sensíveis à luz. – Foi a pronta resposta. – Não, não há problema. Uso lentes de contacto que filtram a luz.

– E a tua pele?

– Que lisonjeiro – zombou. – Finn O'Keefe interessa-se pela minha pele.

– Que disparate. Interessa-me a sério.

– É claro que tem pouca pigmentação. Sem protetor solar, pode pegar fogo. É por isso que uso *Moving Mirrors*.

– *Moving Mirrors*?

– É um gel misturado com nanoespelhos, que se ajustam em função da posição do Sol. Com ele posso passar algumas horas na rua, mas, é claro, não convém tornar-se um hábito. – E então, desportista, vamos nadar?

Depois de ter passado o dia inteiro para trás e para a frente, a escotar os convidados do heliporto para o hotel e a fazer o caminho de volta, para esperar pela chegada do próximo helicóptero, Lynn Orley só se admirava de ainda não ter sulcado um rego no chão.

É claro que, enquanto isso, fizera muito mais coisas. Andrew Norrington, o sub-chefe de segurança da ORLEY ENTERPRISES tinha convertido a Isla de las Estrellas numa zona de segurança máxima, que lembrava o Hotel California: *You can check out any time you like, but you can never leave!* As ideias de Lynn acerca de segurança incluíam proteção, mas não a sua exibição, ao passo que Norrington argumentava que os seguranças não se podiam esconder atrás dos arbustos como duendes bons. Ela argumentou que já tinha sido suficientemente difícil dissuadir os convidados da omnipresença das suas próprias escoltas; referiu Oleg Rogaschow, que só muito relutantemente deixara a sua meia dúzia de jagunços em casa, que normalmente o acompanhavam para todo o lado, e que metade do pessoal tinha sido recrutado de atiradores. Ninguém queria deparar-se constantemente, durante uma corrida ou enquanto jogava golfe, com figuras sombrias, que tinham a seriedade escrita na testa. De resto, tinha uma grande simpatia por duendes armados, que vigiavam as pessoas, sem que uma pessoa estivesse constantemente a tropeçar neles.

Depois de duras disputas, Norrington acabou por dar nova formação às brigadas, encontrando caminhos para as adaptar ao ambiente. Lynn sabia que lhe infernizava a vida, mas teria de lidar com isso. Norrington era excelente no seu trabalho, extremamente organizado e de confiança; porém, era também vítima de uma paranoia infecciosa, que mais cedo ou mais tarde acometia todos os guarda-costas.

– Interessante – disse ela.

Locatelli estava a seu lado, a resfolegar como um cavalo.

– Sim, mas queriam baixar o preço! Bom, nessa altura perdi as estribeiras. E disse, esperem lá. *Espeeerem lá!* Mas por acaso sabem com quem é que estão a falar? Cambada de chulos! Macacos! Eu não desci de uma árvore, está bem? A mim não me seduzem com bananas da selva. Ou jogam pelas minhas regras, ou vou...

E assim por diante.

Lynn assentiu compreensivamente com a cabeça, enquanto acompanhava os recém-chegados à receção. Warren Locatelli era um filho da mãe! Já para não falar em Momoka Omura, a cabra estúpida que o acompanhava, nem um bocadinho melhor do que ele. Contudo, enquanto Julian o considerasse importante, iria dar atenção nem que fosse a um besouro-do-estrume falante. Não tinha necessariamente de o compreender, para desenvolver com ele uma conversa. Bastava reagir à altura do tom, ao ritmo da fala e a sons concomitantes como roncões, rosidos ou risos. Se a verbosidade que nos caía em cima rebentasse em júbilo, entrava-se na risada. Se, pelo contrário, estalasse de cólera, estava-se sempre seguro com um «Incrível!» ou um «Não, a sério?» Caso a situação requeresse uma compreensão do contexto, o único remédio era ouvir. Era perfeitamente legítimo enganá-los, desde que uma pessoa não se deixasse apanhar.

No caso de Locatelli, bastava o piloto automático. Desde que ele não falasse de nada técnico, discursava acerca da evidência da sua grandeza, e que todos os outros não passavam de paspalhos. Ou chulos e macacos. Dependia.

Quem seriam os próximos a chegar?

Chuck e Aileen Donoghue.

Chucky, o mogol da hotelaria. Esse até não era má pessoa, mesmo quando contava umas piadas sem gosto. Aileen provavelmente devia ir logo a correr para a cozinha, a fim de verificar se a carne tinha sido cortada suficientemente grossa.

«Aileen: – O Chucky gosta dos bifes grossos. Têm de ser grossos.

Chucky: – Sim, grossos! Isso a que os Europeus chamam bife, não tem nada a ver com um bife. Ei, sabe qual é o nome que eu dou aos bifes europeus? Quer saber? Quer? – *Carpaccio!*»

Apesar de tudo, Chuck não era má pessoa.

Para pesar de Lynn, Locatelli personificava, no tabuleiro de xadrez de Julian, não a dama, mas pelo menos uma torre. Ele tinha conseguido alcançar aquilo que levava ao desespero gerações de físicos antes dele, nomeadamente desenvolver células solares que transformavam sessenta por cento da luz solar em eletricidade. Deste modo, e porque era simultaneamente um brilhante homem de negócios, a empresa de Locatelli, LIGHTYEARS, tornara-se líder de mercado no setor de energia solar, enriquecendo de tal maneira o seu proprietário que ocupava o quinto lugar na lista dos milionários da Forbes. Momoka Omura pavoneou-se entediada ao lado dele, percorreu com um olhar o complexo e segregou um cortês «o sítio é simpático». Lynn imaginou espetar-lhe um murro de punho apertado entre os olhos, enfiou um braço no braço dela e elogiou-lhe o cabelo.

– Sabia que iria gostar – replicou Omura, com um sorrisinho muito fino.

Não, está horrível, pensou Lynn. Completamente ridículo.

– Fico muito contente por terem vindo – disse.

Ao mesmo tempo, Evelyn Chambers encontrava-se no seu terraço no sexto andar a apanhar sol, tentando melhorar os seus conhecimentos de russo, de ouvidos alerta. Era a melhor companhia do sismógrafo. O mais pequeno terramoto era convertido em valores noticiosos na sua escala de Richter pessoal, e, naquele preciso momento, o tremor era imenso.

No quarto ao lado estavam alojados os Rogaschows. Os terraços estavam delimitados por divisórias que absorviam o som e, porém, conseguia ouvir os gemidos ofegantes de Olympiada Rogaschowa, que soavam ora mais perto, ora mais longe. Aparentemente, vagueava pelo terraço, com um copo de bebida completamente cheio na mão, como de costume.

– Porquê? – lamentava-se. – Porquê outra vez?

A resposta de Oleg Rogaschow veio, sufocada e incompreensível, do interior do quarto. Fosse o que fosse que ele tivesse dito, fez com que Olympiada explodisse num acesso piroclástico.

– Filho da mãe! – gritou. – À frente dos meus olhos! – Ruídos sufocados, respiração arfante. – Nem sequer te deste ao trabalho de o fazer às escondidas!

Rogaschow saiu para o terraço.

– Queres que tenha segredos? Está bem.

A sua voz estava calma e desinteressada, apropriada para baixar alguns graus da temperatura circundante. Chambers viu-o diante de si. Era um homem de estatura média, discreto, de cabelo fino louro claro e uma cara de raposa, onde repousavam os olhos, como pequenos lagos montanhosos gelados. Chambers tinha entrevistado Oleg Alexejewitsch Rogaschow no ano anterior, pouco depois de ele ter adquirido o controlo das ações da empresa Daimler, e conhecera um empresário polido e apagado, que se mostrara disposto a responder a todas as questões, mostrando-se simultaneamente tão impenetrável quanto uma placa blindada.

Recapitulou o que sabia sobre Rogaschow. O pai era diretor de uma empresa de aço, que tinha sido privatizada depois da Perestroika. O modelo que se praticava então determinava que se distribuisse pelos trabalhadores títulos de participação. Durante algum tempo, o organismo pluricelular do proletariado assumiu o comando. Só que os títulos de participação de uma fábrica de aço não alimentavam as famílias durante o inverno. Assim, a maior parte dos trabalhadores mostraram-se rapidamente dispostos a trocar os seus títulos por dinheiro, entregando-os a companhias financeiras ou aos seus superiores, obtendo dessa forma, segundo o princípio do comer-ou-morrer, uma parte ínfima do seu valor real. Assim, aos poucos, as antigas corporações estatais da desmantelada União Soviética voltaram a cair nas mãos das empresas de investimentos e de especuladores. E o velho Rogaschow também tinha aproveitado e comprado suficientes títulos de participação, conseguindo assim monopolizar a empresa, com o que se viu na linha de fogo de um clã mafioso concorrente, no mais literal sentido da palavra: foi atingido no peito por duas balas, e uma terceira penetrou-lhe no cérebro. A quarta estava destinada ao filho; contudo, não o atingiu. Oleg, até então entregue às dispersões estudantis, desistiu imediatamente dos estudos universitários e associou-se a um clã ligado ao Estado para combater os assassinos, o que culminou num tiroteio cujos detalhes não ficaram documentados. Nessa altura, Oleg encontrava-se comprovadamente no estrangeiro; porém, depois do seu regresso ocupou subitamente o cargo de presidente da direção, sendo um convidado bem-vindo no Kremlin.

Tinha simplesmente apostado nas pessoas certas.

No ano seguinte, Rogaschow dedicou-se a modernizar a empresa, embolsando rendimentos elevados, e engoliu sucessivamente um gigante do aço alemão e outro inglês. Investiu em alumínio, fechou contratos com o governo para a extensão da rede de caminhos de ferro soviética, adquiriu participações nas corporações do setor automóvel europeias e asiáticas e fez uma fortuna na China, sedenta de combustíveis. Ao mesmo tempo, estava embaraçosamente ansioso por levar em conta os interesses dos poderosos em Moscovo. Como forma de agradecimento, o sol brilhou na sua cabeça. Vladimir Putin assegurou-lhe a sua estima, Dmitri Medvedev chamou-o à sua mesa como consultor. Quando a empresa líder de mercado ARCELORMittal entrou em crise em 2018, Rogaschow assumiu o controlo do gigante do aço debilitado e colocou a ROGAMITTAL na dianteira do ramo.

Mais ou menos por esta altura, Maxim Ginsburg, o sucessor de Medvedev, tinha dissolvido tão profundamente as fronteiras, já de si desgastadas, entre a economia privada e a política, que a imprensa o designou «CEO da companhia Rússia».

Rogaschow honrava Ginsburg à sua maneira. Numa noite bem bebida, ficou a saber que Ginsburg tinha uma filha, Olympiada, uma rapariga taciturna e de charme comprovado, que o presidente gostaria de ver casada, se possível com alguém de posses. De alguma forma, Olympiada conseguira terminar uma licenciatura em política e economia. Agora ocupava um assento no Parlamento como deputada, expressava o amor pelo pai nas votações, e definhava lentamente, sem ter florescido. Rogaschow fez o favor a Ginsburg. A união dos capitais privados realizou-se com todas as pompas; só que, na noite de núpcias, Rogaschow evitou a cama, achando-se noutra sítio. Na realidade, a partir dessa altura, passou a estar constantemente noutra sítio, inclusive quando Olympiada deu à luz o único filho de ambos, que foi enviado para um colégio privado e que, de aí por diante, raramente foi visto. A filha de Ginsburg tornou-se cada vez mais solitária. Não sabia o que fazer com o entusiasmo do marido por artes marciais, armas e futebol e muito menos com as suas constantes aventuras amorosas. Queixou-se então ao pai. Ginsburg pensou nos 56 mil milhões de dólares, que o genro lhe punha na balança, e aconselhou Olympiada a arranjar um amante. E foi isso mesmo que ela fez. Chamava-se Jim Beam e possuía a vantagem de estar presente quando se precisava dele.

Como é que a pobre mulher tencionava sobreviver aos próximos catorze dias?

Evelyn Chambers esticou o seu corpo de latina. «Nada mau para 45», pensou ela, ainda estava tudo firme, embora aqui e ali se começasse a instalar a inevitável gordura muscular e os sinais de celulite nas coxas e traseiro enrugassem a pele. Piscou os olhos com o sol. A gritaria das gaiotas enchia o ar. Só agora notava que, no céu, se avistava uma única nuvem, como se se tivesse enganado no caminho, uma menina nuvem. Parecia pairar lá muito no alto; porém, o que era a altura? Ela ia viajar até muito para além do ponto onde estavam as nuvens.

Em cima, em baixo. Tudo uma questão da perspetiva.

Passou em revista no espírito a utilidade mediática dos participantes da viagem. Oito casais e cinco solteiros, sem contar consigo. É claro, que alguns dos presentes não iriam ver a sua presença com bons olhos. Finn O’Keefe, por exemplo, que fugia dos *talkshows*. Ou os Donoghues: arquirepublicanos, que não aceitavam bem o facto de a *talkqueen* mais poderosa da América apoiar a ala democrática. Muito embora a única incursão ativa de Chambers na política, em 2018, quando concorreu para o cargo de governadora de Nova Iorque, tivesse começado triunfalmente e acabado em desastre, a sua influência sobre a opinião pública, porém, manteve-se intacta.

Mukesh Nair? Mais um que não gostava de dar a cara em *talkshows*.

Warren Locatelli e a sua mulher japonesa, pelo contrário, possuíam algum valor de entretenimento. Locatelli era um homem vaidoso e rude, mas de resto genial. Existia uma biografia sobre ele com o título *E se Locatelli Tivesse Criado o Mundo?*, que exprimia com exatidão a forma como ele se via a si próprio. Velejava e, no ano anterior, tinha ganho a Taça América; a sua verdadeira paixão, porém, era o automobilismo. Omura tinha participado como atriz durante muito tempo em experiências cinéfilas indigestas, antes de conseguir alcançar o reconhecimento com o drama *Lótus Negro*. Era uma mulher presunçosa e – tanto quanto Chambers podia avaliar – barrava qualquer empatia.